



**FaE**  
*Faculdade de Educação*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BRUNA SALES MONTEIRO  
MIHAI'WERY PATAXÓ



**PROFESSORES PATAXÓ E A RELAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
COM O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

BELO HORIZONTE

2022

BRUNA SALES MONTEIRO

MIHAI'WERY PATAXÓ

**PROFESSORES PATAXÓ E A RELAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
COM O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Orientadora: Érica Dumont

Coorientadora: Rosamaria Loures

BELO HORIZONTE

2022

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os alunos indígenas com deficiência do meu povo Pataxó e de todos os povos indígenas, em especial à Xohã Ferreira<sup>1</sup>, Txahá Goivado, que foram meus primeiros alunos com deficiência, que me inspiraram procurar melhorias para o ensino da inclusão na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, dedico também a Rosinete que é um grande exemplo para mim, pois toda dedicação dela é inspiradora. Não poderia deixar de dedicar a minha família que sempre esteve ao meu lado e a minhas duas avós Maria Conceição (*in memória*) e Benedita Braz que são tudo na minha vida, minha força, minha dedicação, minha inspiração. E a todo povo Pataxó, porque minha conquista é conquista de toda luta de um povo, pois sangue foi derramado dos meus velhos para que eu pudesse alcançar uma formação.

---

<sup>1</sup> Os nomes dos estudantes desta pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

## AGRADECIMENTOS

*Awêry Tupã, Awêry Niamisũ*

*A nossa força vem da mata*

*E juntos somos um.*

*Com meu maraká*

*Eu vou cantando pra floresta*

*Agradecendo meus Naô's e saudando a mãe terra. (Oração Pataxó)*

Agradeço primeiramente a meu Niamisũ (Deus), meus Naô's e Encantados que nunca me deixaram sozinha e me fortaleceram a todo momento.

Aos meus pais Edvaldo Machado Monteiro e Valdirene Sales dos Santos e meu padrasto Joilson Felipe por sempre me apoiarem e incentivar nos meus estudos, a minha irmã Jaiane Sales e a todos os meus tios e tias, primos, minha família em geral e amigos que durante esse longo trajeto me incentivaram sempre, agradeço a Lucas Matos que desde a inscrição esteve ao meu lado e foi um dos maiores incentivadores para eu chegar até aqui.

Aos meus colegas da turma da habilitação em matemática, pelo apoio e companheirismo, a cada bolsista do FIEI que me ajudou muito. A todos os professores que lecionou durante esses quatro anos de formação, principalmente a Vanessa Tomaz, Ilaine Campos e Carolina Tamayo e claro que agradeço muito a minha orientadora Érica Dumont e co-orientadora Rosamaria Loures que foram meu ponto de paz em escrever meu percurso.

! Awêry dxahá hotxômãp

## **RESUMO**

Esta pesquisa é sobre professores Pataxó e a relação ensino e aprendizagem com estudantes com deficiência, destaco estratégias, dificuldades enfrentadas por alguns professores da minha comunidade e a importância do ensino tradicional para o desenvolvimento desse estudante na comunidade. Falo também o que é o Atendimento Educacional Especializado na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

**PALAVRAS CHAVES:** Povos indígenas, Pessoas com deficiência, Educação Indígena, Atendimento Educacional Especializado, Povo Pataxó.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	7
<b>2. METODOLOGIA</b>	17
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	19
<b><i>3.1. Minha experiência como professora e cuidadora: educação e cuidado</i></b>	19
3.1.1 Minha experiência em dar aulas, cuidar e acompanhar o estudante Xohã	19
<b><i>3.2 Experiências dos professores da escola indígena</i></b>	25
3.2.1 Apresentação dos professores entrevistados	26
3.2.2 Quando um professor percebe que uma criança é deficiente	30
3.2.3 Desafios e oportunidades do trabalho com pessoas com deficiência na escola indígena	32
3.2.4 Estratégias didático-pedagógicas	36
3.2.5 O papel da cultura Pataxó	39
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	43



## 1. APRESENTAÇÃO

Eu sou Bruna Sales Monteiro, do povo Pataxó, nasci no dia 01 de outubro de 1996, filha dos senhores Edvaldo Machado Monteiro e Valdirene Sales dos Santos, tenho uma irmã mais velha que se chama Jaiane Damiana Sales Monteiro, uma sobrinha chamada Heloá Monteiro Santos. Nascida e criada na aldeia de Coroa Vermelha, que é localizada em Santa Cruz Cabrália sul do estado da Bahia, na Terra Indígena Coroa Vermelha<sup>2</sup>. Atualmente estudando na UFMG - FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) na habilitação em Matemática e jovem liderança da minha comunidade.

Em referência a linha do tempo da vida escolar, iniciei em 2001 com quatro anos de idade em uma escolinha particular chamada Arca de Noé com a professora Cita, lá comecei a aprender a manusear o lápis, a pintar, as letras do alfabeto, números, escrever meu nome.

Um ano depois, com cinco anos de idade, fui matriculada na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, estudando na pré-escola com a professora Ideildes, mas como já estava um pouco adiantada para essa série me passaram para a alfabetização com a professora Kely Cristina, onde fiz muitos amiguinhos, reforcei tudo que tinha estudado na escolinha Arca de Noé e aprendi algumas músicas indígenas e cantigas de roda. Em 2003 fui estudar na Escola Municipal Victurino da Purificação Figueiredo (conhecida como a escola dos brancos ou não indígena), pois o ensino na época era mais qualificado, como tinha apenas seis anos tive que ficar no pré de novo, mas como já sabia ler e escrever o básico, me adiantaram para a 1ª série com a professora Gracy. Em 2004 fiz a 2ª série, onde tive a oportunidade de ter uma professora Pataxó que se chama Kátia, onde eu comecei a sonhar em ser uma professora para dar aula na escola da minha comunidade, pois a tenho como exemplo.

Já com oito anos em 2005, quando estava na 3ª série onde tinha duas professoras a Cida e a Márcia, mas também foi o ano em que comecei a sofrer preconceitos na escola pelo fato de ser indígena e por causa disso meu rendimento na escola caiu um pouco, pois já não era aquela menina dedicada e risonha mais e comecei a ficar recantiada e agressiva na escola. Como a Escola Victurino é grande e tinha um ensino de qualidade era muito procurada por todo município de Santa Cruz Cabrália, e por isso foi criada uma extensão, que foi onde eu fui estudar a 4ª série no prédio do Colégio Estadual Frei Henrique de

---

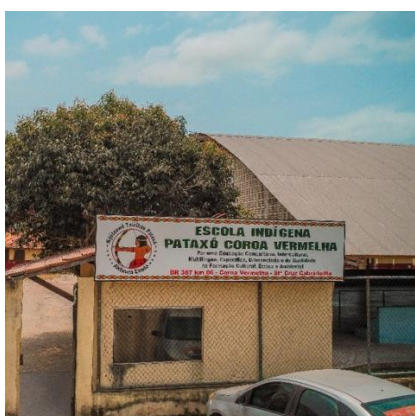
<sup>2</sup> A TI Coroa Vermelha foi homologada em 10 de julho de 1998 e possui área de 1.493 hectares.



Coimbra, em 2006. Apesar que não queria estudar no Victurino foi um dos melhores anos do meu fundamental I, pois de manhã fazia karatê e a tarde estudava com as professoras Jodilce e Olídia. Nesse ano participei de algumas gincanas que minhas professoras organizavam e de um projeto da professora Jodilce, que foi onde toda a sala teve que escrever um livrinho e o nome do meu livro foi “As Vogais”.

Em 2007 foi o ano em que eu fiquei muito realizada, pois finalmente eu voltei a estudar na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, onde reencontrei meus amiguinhos da alfabetização. Nas escolas já não chamavam “série” e sim “ano”, então comecei a estudar o 6º ano no turno matutino e lá comecei a me envolver nos costumes da minha cultura e da minha comunidade, participei dos jogos indígenas estudantil e da comunidade, exposições e apresentações culturais dentro e fora da escola, e o meu quadro de professores tinha apenas uma que não é indígena. Em 2008, estava estudando o 7º ano no turno matutino e esse ano a sala ficou cheia, pois por falta de alunos nessa série todos os alunos que estudava a tarde passaram para a minha sala.

Foto 1: Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Coroa Vermelha, 2022.



Fonte: Ademário Braz Ferreira, acervo da autora, 2022.

Em 2008, no 8º ano, como essa série só tinha no turno matutino a sala estava cheia e com incentivo de alguns professores, os alunos da minha sala (inclusive eu) fizemos um grupo cultural que se chamava Kawatá Xohã, em patxohã (Coração Guerreiro, em português) que fazíamos apresentações culturais e participávamos de conferências, e nesse ano a professora Alcione passou um trabalho muito interessante que levarei sempre comigo essa experiência, tínhamos que pesquisar brincadeiras que nossos anciões

brincavam antigamente, onde eu aprendia algumas brincadeiras que marcou a minha história, como a cobra kaynana, passa o pau e outras.

No último ano do ensino fundamental II, o 9º ano, em 2010, quando comecei a participar do Pro-Jovem que é um programa do governo e também minha turma iniciou um projeto na escola com a parceria da Veracel Celulose, de preservação e o nome que demos a esse projeto foi CIA- Comunidade Indígena em Ação (que infelizmente o outro 9º ano do ano seguinte não deu continuidade), visitamos a estação Veracel que era nossa parceira no projeto de fazer uma horta na escola para usar na merenda da escola os legumes e verduras que seriam plantadas, conseguimos coletores de lixo para escola, ficamos realizados com essa conquista, mas infelizmente a maioria da minha turma não quis a cerimônia de formatura, então encerramos com uma bela festinha.

Em 2011, iniciei o ensino médio no Colégio Frei Henrique de Coimbra no turno matutino, um colégio não indígena, porque infelizmente o estadual indígena só funcionava a noite como extensão do Frei Henrique no prédio da Escola Indígena, mas eu não tinha idade suficiente ainda para esse turno noturno. Participei de uns projetos que o Colégio tinha, que foi a feira das regiões, feira de ciências e outros. O meu 2º ano do ensino médio, estudei no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, que foi uma grande conquista do nosso Povo Pataxó e para nossa aldeia ter um colégio estadual Indígena na nossa comunidade, como trabalhava durante o dia, comecei a estudar a noite e porque o Colégio Frei Henrique fechou por falta de alunos.

Foto 2 - Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha. Coroa Vermelha, 2022.



Fonte: acervo da autora, 2022.

O tão esperado 3º ano, e posso dizer que o melhor, e o mais legal iria me formar junto com alguns colegas que estudei na alfabetização, e o que mais me marcou nesse último ano no Colégio foi um júri-simulado, onde eu fui a advogada de acusação e o tema do meu grupo foi o Fogo do 51 (massacre na aldeia mãe Barra Velha) que foi muito gratificante, porque tivemos que pesquisar sobre o assunto e pude me aprofundar em uma curiosidade particular minha, participei de seminários de literatura e muitos outros trabalhos. E posso afirmar que me formei em 2013 com grande estilo, uma formatura cultural muito linda, um sonho realizado. Entre 2014 e 2016 iniciei o curso Técnico em Administração no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha que era dois anos e meio de duração, estagiei na secretária do Colégio Indígena mesmo, onde tive uma experiência muito marcante e gratificante, em 2016 a finalização do curso foi com duas formaturas a cultural e a social. No ano 2018 ingressei na UFMG como estudante da Formação Intercultural para Educadores Indígenas, que não foi nada fácil, o curso funcionava como formato modular, duas vezes no ano em Belo Horizonte no campus da FaE - UFMG e duas vezes o intermódulo era na aldeia. Não foi nada fácil, se deslocar da minha comunidade até uma cidade grande que nunca tinha vindo, não conhecia e me sentia bem longe da minha realidade, mas que tive que me adaptar, sofri com o clima da cidade, as vezes por preocupações e saudades dava uns surtos de querer ir embora, mas as professoras meus colegas sempre me animaram e ajudaram nessa longa jornada de quatro anos.

### **Vida familiar**

Nasci na aldeia Coroa Vermelha no dia 01 de outubro de 1996, em casa mesmo, porque o hospital na época era muito longe. Morávamos em um barraquinho de tábuas que era nossa casa e lojinha de artesanato, onde atualmente é a passarela indígena, conhecida como o cruzeiro. Morei lá até o governo dar um mandato para minha e para outras famílias saírem de lá, em 2000, pois iam fazer a cruz de mármore e a passarela. Toda a minha família saiu de lá e fomos morar no outro lado da aldeia, em uma retomada de terra, que atualmente é conhecida como Carajá, onde eu e meus pais e irmã moramos em um galpão comunitário por um tempo, enquanto a nossa casa ficava pronta. Depois de pronta passamos para a nossa casa que por falta de recurso era metade construída e metade de tábuas. Me recordo que quando eu era pequena eu e minha família passamos por algumas

dificuldades. Meu pai ia para a aldeia Boca da Mata fazer artesanatos e ficava lá por alguns meses. Em Coroa Vermelha minha mãe ficava comigo e minha irmã. Minha mãe trabalhava de camareira em um hotel chamado Capitânia e eu e minha irmã estudávamos e a tarde minha vó materna cuidava de nós duas e nos dias que não tinha aula íamos vender artesanatos na praia. Até que um dia minha mãe se cansou de nos ver muitas vezes chorando por um lanche ou até mesmo tendo só o almoço, a maioria das vezes nosso café da manhã era café com farinha e deixávamos de jantar para ter o que comer no outro dia. Viu que precisava voltar a estudar para nos dar uma vida melhor. Começou a estudar da 1º série porque na escola que tinha estudado, perderam o histórico dela. Tenho minha mãe como um grande exemplo, pois ela foi uma verdadeira guerreira, estudava, trabalhava e ainda cuidava de mim e da minha irmã. Meu pai era artesão e trabalhava no fundo da nossa casa mesmo, minha irmã cuidava de crianças e eu vendia artesanatos Pataxó na praia para ajudar os nossos pais. E mãe se formou no ensino médio, ela fez também uma seletiva que passou, para trabalhar na Escola Indígena na área de serviços gerais, onde trabalhou até 2020, como agente administrativo e fez o magistério indígena, também a Licenciatura Intercultural (LINTER) e é desse reflexo da história de vida da minha mãe que eu me espelho e me encorajo em ir em busca dos meus sonhos e objetivos na vida.

Aos 09 anos de idade durante as férias eu vendia na praia para minha tia, onde recebia 20% do que vendia no dia, trabalhava não porque meus pais mandavam, mas porque eu queria ajudar em casa. Porém minha mãe não deixava, falava para eu guardar o dinheiro que recebia para comprar os meus materiais escolares, roupas, calçados e alguns brinquedos que eu queria. Com 12 anos eu fui babá do meu primo, comecei a cuidar dele desde os 04 meses de vida até os 02 anos de idade. Com 13 anos nos sábados e nos dias que não tinha aula fui guia na Reserva da Jaqueira, onde digo que tive minha formação Cultural, pois aprendi muito sobre minha cultura. Com 14 anos nas férias trabalhei com a minha tia em uma lojinha que era comunitária nos monumentos indígenas na divisa de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia. Aos 15 anos trabalhei de lojista na passarela indígena em uma loja de camisetas onde fiquei 06 meses, depois trabalhei em uma loja de biquínis, em casa de família, em loja de bolsas, artesanatos, moda praia e também passei um tempo sendo professora e cuidadora substituta na Escola e Colégio Indígena e nos horários livres voluntária na escola Indígena.

Me recordo que quando eu era pequena, esperava ansiosamente por minhas férias escolar, pois ia passar as férias na casa da minha avó paterna, na aldeia Meio da Mata, na Terra Indígena Barra Velha. Era muito bom, ajudava minha avó Benedita nas plantações, brincava com meus primos e amava ajudar minha avó a fazer farinha e beiju, tinha dias que íamos redar no brejo para pegar peixe para nossa alimentação. Sem dizer que visitava todos os meus parentes e eu era um chamego com meu bisavô Eliseu, fazia questão de acompanhar ele quando ia rezar alguém, pois ele era um dos anciões que rezava na Aldeia Boca da Mata (TI Barra Velha), minha bisavó Oleriana me levava para tomar banho no rio e sem dizer que eu ficava admirando ela cozinhar no fogão a lenha.

Aos 12 anos tive uma grande responsabilidade, comecei a ajudar minha mãe a cuidar da minha avó materna Maria Conceição, que por sequelas de diversos derrames ficou acamada. Comecei a dar banho nela e colocava fralda para ela dormir, então eu comecei a cuidar dela no turno da noite. Quando fiz 18 anos a minha responsabilidade aumentou, pois passei a acompanhar ela no hospital, quando passava mal. Sempre fui apegada com minha vizinha, me recordo que quando pequena acordava bem cedinho para ajudar minha vizinha Maria varrer o quintal que era bem grande e tomar um cafezinho com ela, já era rotina fazer isso todos os dias. Meu primeiro colar de semente aprendi com ela, pois ela era artesã e cuidava de mim e da minha irmã para minha mãe trabalhar, e quando ela adoeceu eu tive o prazer em retribuir os cuidados que ela sempre teve comigo. Quando soube que passei no vestibular da UFMG para fazer a Formação Intercultural ela ficou feliz, mas eu não queria sair para estudar, porque como cuidava da minha vizinha, os módulos e intermódulos seriam a distância na UFMG e eu não ia aguentar ficar longe dela. Com a autoridade que tinha, não permitiu que eu desistisse, e disse que seria um sonho para ela me ver formada, então esse tem sido meu combustível para não desanimar e ir até fim dessa formação. Infelizmente em 2020 entramos em uma pandemia mundial, com todos os cuidados que tínhamos com minha vizinha, um dia passou mal e tivemos que ir para o hospital, e lá acabou contraindo o vírus da COVID-19. Foi internada, como não podia ficar sozinha, conversamos com a direção do hospital e o médico responsável que liberaram um acompanhante para ficar com ela, e não pensei duas vezes em ficar lá com ela. Mas por falta de aparelhos no Hospital de Cabralia, teve que transferir ela para um hospital de Eunápolis que era específico para tratamento da covid-19, mas infelizmente minha vizinha não resistiu e ancestralizou.

## **Vida comunitária**

Quando voltei a estudar na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, comecei a participar dos jogos indígenas estudantil e o jogos indígenas infantil da comunidade. Assim, saía para fazer apresentações culturais em outras escolas. Em 2009 comecei a participar de um grupo cultural formado por adolescentes, mas todos com muita vontade de fortalecer a nossa cultura e o nosso grupo era convidado para participar de conferências e eventos na nossa aldeia e cidade e também participávamos de intercâmbios de jovens Pataxó das aldeias mais próximas, os integrantes do grupo queria aprender mais sobre a nossa cultura, então começamos a ir pra Reserva da Jaqueira, onde nós aprendemos novas músicas indígenas, tínhamos aulas de reforço da nossa língua materna o patxôhã. Me recordo que Nayara (minha madrinha), uma das líderes da reserva separava a gente em três grupos para colocarmos ritmos nas músicas novas, era como uma gincana entre nós mesmo, aprendíamos e brincávamos ao mesmo tempo. Permaneci fixa na reserva por uns dois anos, participei com a equipe da jaqueira nos jogos indígenas de Coroa Vermelha e Porto Seguro e até desfilei. Participei também do Encontro Tribo Jovens (ETJ) por duas vezes, e os integrantes do grupo começaram a trabalhar e o grupo teve que se desfazer. Sempre fui bastante participativa nas manifestações de saúde, educação e retomadas, tanto na minha aldeia ou em fechamentos da br-101.

Por causa do trabalho fiquei por algum tempo parada das atividades culturais, só participava nos meus dias de folga ou no horário que não estava no trabalho. Mas no início de 2018 fiquei desempregada, então retornei as atividades culturais. No mesmo ano, eu e mais alguns jovens da minha comunidade, criamos um grupo cultural Mayõ Upã Pakhê (Luz da Cultura em português), onde fazemos um trabalho de resgate e fortalecimento da nossa cultura, fazemos apresentações culturais no comércio indígena todos os sábados para mostrar um pouco da nossa cultura para os turistas, organizamos noites culturais na nossa aldeia e participamos de todas as atividades comunitárias, manifestações, viagens para movimentos em Brasília, Salvador e outros lugares para representar nosso povo. Somos responsáveis pela realização dos jogos indígenas de Coroa Vermelha e temos sido referência enquanto grupo de jovens cultural para nossa comunidade. Esse é um pouco da minha trajetória de vida.

## **Como cheguei a este trabalho**

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, é localizada nas margens da BR 367 km 06, na Aldeia Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabralia-Ba, atualmente uma das maiores escolas municipais do município, com o total de 1.070 alunos matriculados divididos em três turnos, manhã, tarde e noite. Dentre os alunos 27 com deficiência.

A sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), é uma sala ofertada pela Educação Especial e Inclusiva da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Seu objetivo é trabalhar o apoio pedagógico aos alunos, público alvo da Educação Especial. Atendendo alunos com várias deficiências, inclusive com os alunos deficiência intelectual e múltiplas também.

O atendimento do AEE é realizado na sala de recursos na própria Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, onde tem uma equipe de profissionais que muda durante os turnos, no turno matutino o atendimento é com duas professoras e uma auxiliar e no turno vespertino uma professora e uma auxiliar para que possa oferecer um bom atendimento aos alunos com deficiência, a coordenadora Rosinete Pereira Matos da etnia Funiô, é chamada carinhosamente de tia Rosi, tem uma criatividade muito fértil onde cria conteúdo específicos para trabalhar com cada aluno sendo ele de forma adaptada para cada deficiência, trabalha bastante com o lúdico para ter uma atenção maior do aluno, pois eles aprendem com mais facilidade e brincando na salinha do AEE. Todos os alunos têm um horário na sala de recursos no horário oposto de aula, alguns alunos são atendidos uma, duas ou três vezes por semana, depende muito da deficiência do aluno.

Em uma conversa com a coordenadora ela explica como faz seu procedimento para atender cada aluno:

“Antes de preparar as atividades para os alunos especiais, procuro conhecer o aluno, juntamente com a professora regular, entrevista com a família ou responsável, daí procuro fazer a avaliação diagnóstica, para poder identificar as suas necessidades educativas especiais, com foco nos desenvolvimentos intelectual, coordenação motora, sensorial e linguagem oral” (Rosinete Pereira Matos, 2022)

As atividades são adaptadas de acordo com cada necessidade educativa que o aluno apresenta. E para ter um bom resultado, para o atendimento com cada aluno é necessário ter uma parceria entre a coordenadora do AEE, professor (a) regente da sala e os pais ou responsáveis de cada aluno.

“Procuro trabalhar com os alunos que possuem múltiplas deficiência, com atividades com pranchas de comunicação alternativas, atividades que estimulem sua percepção oral, visual e tátil, com caixa sensorial, imagens diversas, gravuras temáticas bola tátil, adaptador de lápis e tesouras. Porém com base no relato da mãe, avaliação diagnóstica e no desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.” (Rosinete Pereira Matos, 2022)

Os diagnósticos são atividades para avaliar o aluno com base as seguintes observações: Lateralidade, Orientação espacial, Orientação temporal, Percepção Visual, Percepção Auditiva, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura, Raciocínio Lógico Matemático, Relações Pessoais, Relações Familiares, Relações Intrapessoal, Rendimento na Escola. Tem o momento de conversa com o aluno para avaliar a forma que o aluno responde às perguntas feita pela professora do AEE, tem as atividades de escrita e também atividades com materiais lúdicos. Mas é importante frisar que inicia o diagnóstico do aluno com uma entrevista e conversa com os pais ou responsável; as atividades variam de aluno para aluno, pois irá depender do nível da deficiência do aluno.

Quadro 1 - Os tipos de deficiências de cada aluno atendido na sala do AEE. Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha

- Deficiência Intelectual (6 Alunos)
- Deficiência Intelectual e Física. (1 Aluno)
- Autista (3 Alunos)
- Apresenta problema na visão (1 Aluno)
- Baixa visão, Deficiência Física, Deficiência Intelectual (1 Aluno)
- Transtorno do Espectro Autista (1 aluno)
- Paralisia Infantil/ Deficiência Intelectual (1 Aluno)
- Deficiência Auditiva (1 Aluno)
- Deficiência Física (1 Aluno)
- Deficiência Física, Intelectual, Múltipla (1 Aluno)
- Deficiência Física/ Dificuldade de Aprendizagem (2 Alunos)
- Déficit Intelectual e transtorno do Espectro Autista com atraso de linguagem e distúrbio de comportamento nível 2 de habilidades (1Aluno)
- Dificuldade em Aprendizagem (1 Aluno)



- Deficiência Intelectual, Síndrome de Down (1 Aluno)
- Alteração de Humor, Irritabilidade, Agressividade, Agitação psicomotora (1 Aluno)
- Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista, Dificuldade de Aprendizagem/Autismo (1 Aluno)
- Surdez (1 Aluno)
- Deficiência Física, Intelectual e Múltipla (Tetraplegia) (1 Aluno)

Fonte: autoria própria, 2022.

Esse trabalho se justifica pela importância de refletir sobre a inclusão dentro da escola e comunidade indígena. Evidenciar junto aos estudantes com deficiência o quanto eles podem aprender o ensino ocidental e os tradicionais do seu povo.

A escolha do tema do percurso, foi a partir de um incômodo como profissional, como universitária e futura professora, pois senti a necessidade de um olhar mais centrado para a inclusão dentro das escolas Indígenas. A falta de estrutura no ambiente escolar e a falta de capacitações para preparar os professores, para planejar as atividades de suas aulas conforme a necessidade do aluno é muito grande e desafiador para o educador, porque lidar com uma sala de aula com trinta a quarenta alunos e mais um ou dois alunos da inclusão não é nada fácil.

O objetivo deste trabalho é compreender estratégias para ampliar a inclusão das pessoas com deficiência dentro das escolas indígenas, oferecendo um ensino tanto tradicional como ocidental com a valorização da educação inclusiva dentro das escolas indígenas. Trata-se de registrar as estratégias usadas por professores, que irá ajudar ter um contato e uma maior ligação com o aluno, para passar segurança e mostrar que o aluno é qualificado para aprender e participar das aulas igual aos outros alunos.

## 2. METODOLOGIA

Esse trabalho de conclusão de curso foi realizado durante o período de 2021 a 2022. A partir da pesquisa qualitativa com foco no estudo de caso de estudantes com deficiência, para refletir sobre desafios e possibilidades para a inclusão nas escolas indígenas. Para isso, (1) realizei um relatório da minha experiência como cuidadora e professora de alguns alunos com deficiência na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, (2) relatei do meu acompanhamento com o estudante Xohã que tem síndrome Dawn, (3) realizei entrevistas semiestruturadas com seis professores da minha comunidade. Pude contar ainda com momentos de observações, onde coloquei em meu caderno de campo e alguns registros.

Para iniciar, tive como base minha própria experiência, descrevendo como acompanhava esses estudantes, as dificuldades que tive por não ter uma formação para trabalhar com eles. Conto um pouquinho de como cada um deles se comportavam na sala de aula. Conto em um relato a minha trajetória com o estudante Xohã, onde comecei a acompanhar ele no 9º ano até o início do ano letivo que estava cursando o 3º ano, ele tem síndrome dawn, e traz consigo a força, a coragem, o esforço e o carisma, no período que eu o acompanhei pude aprender com ele mais do que ensinei.

No primeiro momento, antes de realizar as entrevistas, criamos um roteiro para a minha conversa com os professores (APENDICE 1). Todas as entrevistas foram realizadas com professores da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, tendo como objetivo saber as dificuldades, facilidades do professor na sala de aula com os alunos deficientes do povo Pataxó, tendo o celular como ferramenta principal para registrar e gravar as entrevistas.

No dia 02/03/2021 realizei a primeira entrevista com a professora Lucicléia, fui até sua residência, onde batemos um papo bem produtivo. Em abril fiz duas entrevistas, uma com a professora Érica e a outra com o professor Jeivaldo, na própria escola, onde gravei com o celular, mas tive um problema por não salvar os áudios no notebook, acabei tendo problemas com o celular e perdi as duas entrevistas, então tive que refazer novamente as entrevistas com os dois professores, mas os dois estavam com o tempo muito corrido, com fechamento do Sistema de Gestão Escolar (SGE), então a nossa entrevista foi via WhatsApp, onde os entrevistados me enviaram áudios respondendo o roteiro no dia 14/03/2022. Também fiz mais duas entrevistas com as professoras Ariane e Mayne ambas da Educação Infantil, onde elas me contaram um pouco da experiência delas como

primeiras professoras para as crianças que estão começando uma vida escolar e também como elas descobriram que as crianças tinham uma deficiência, a entrevista foram via WhatsApp no dia 01/06/2022 e neste mesmo dia, também conversei com a professora Jucélia pelo WhatsApp que me contou um pouco da sua experiência em alfabetizar as crianças com deficiência, ela leciona no 1º ano do fundamental I, todos os áudios foram transcritos.

Em 23/03/2022 acompanhei o diagnóstico na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tive uma conversa com a coordenadora onde ela me passou algumas informações sobre a inclusão na escola, no mesmo dia a secretária da escola Vilma Matos me passou algumas informações de quantidades de alunos, cuidadores que a escola tem.

Tive o caderno de campo como principal aliado, pois tudo que observava que era relacionado ao meu tema de percurso já anotava. Tive também de auxílio meu caderno de trabalho onde anotava os acompanhamentos dos alunos que acompanhei no período que era cuidadora e meu celular para registrar os alunos fazendo ou participando de algumas atividades.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### ***3. 1. Minha experiência como professora e cuidadora: educação e cuidado***

Em 2018 comecei a fazer um trabalho voluntário na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, substituí professores e profissionais de apoio (cuidador), adquirindo experiência nessas áreas.

Em 2019 comecei a trabalhar como profissional de apoio, como não tive nenhum curso de preparação, alguns colegas de trabalho que já eram ou já tinha sido cuidadores, me deram algumas dicas de como trabalhar com as crianças com deficiências, e a partir dessas dicas eu comecei o meu trabalho, acompanhava a Txahá de 09 anos, que é autista que cursava o 3º ano matutino e o Xohã de 23 anos que tem síndrome dawn e cursava o 9ºano vespertino.

A Txahá é uma menina bem meiga e também muito elétrica, tinha dias que ela estava bem tranquila e outros que ela estava bem agitada, tive algumas dificuldades em desenvolver um bom trabalho com ela, pois a sala que ela estudava era muito cheia e com o barulho que os outros alunos fazia ela ficava desinquieta e não conseguia permanecer na sala e quando ficava não conseguia se concentrar, como as atividades dela não eram adaptadas para ela, eu comecei a trabalhar com ela a coordenação motora com atividades de recortes e colagem, trabalhamos pintura e também o alfabeto, números e a escrita do nome dela. Por conta do barulho ela fugia muito da sala, e ia para a salinha do AEE (Atendimento Educacional Especializado), onde tinha uns jogos educativos e eu jogava com ela, ou a professora do AEE passava algumas atividades específicas. Ela faltou bastante durante o ano letivo, mas quando ia, eu tentava encaixar ela em todas as atividades escolares, não era tão participativa, mas eu a incentiva participar para que não se sentisse excluída das atividades culturais, das brincadeiras com os coleguinhas, as vezes ela participava, mas tinha dias que não, quando estava nervosa chegou a agredir alguns coleguinhas e até a mim mesma, era o momento que eu tinha que deixar ela no cantinho sozinha até ficar calma, para conversar e dizer que não podia fazer isso com ninguém. Tínhamos algumas dificuldades de comunicação com a família dela, onde dificultava o trabalho do AEE, da cuidadora e da professora regente, pois os pais não apresentaram o laudo da aluna e nem a medicava, ao certo ela não poderia ter um cuidador para acompanhá-la na escola, porque o “sistema” não permite, mas como somos uma

Escola Indígena e Diferenciada conseguimos a cuidadora para estar fazendo esse acompanhamento com a aluna.

No turno vespertino acompanhava como profissional de apoio o Xohã, que tem síndrome dawn, em 2019, ele cursava o 9º ano do fundamental II, no turno vespertino na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, iniciou o ano levito com muita dificuldade de aprendizagem, o nível de ensino era de alfabetização, pois ele pegava o conteúdo, mas no dia seguinte só lembrava de algumas coisas ensinadas no dia anterior, tem dificuldade de escrita, mas sempre foi muito esforçado, participativo, comunicativo e só faltava a aula se não estivesse bem, era atendido no turno matutino na sala de recursos do AEE (Atendimento Educacional Especializado), atendido pela professora Rosinete, praticando coordenação motora, escrita, alfabetização, seguindo um modo de aprendizagem específica para sua necessidade de aprendizado.

Em 2020 no turno matutino acompanhava Irisnã que estava com 13 anos e tem deficiência intelectual, ela é bem tímida, mas esforçada, sempre gostava de uma atenção da professora regente e principalmente da cuidadora que no caso era eu e no turno vespertino acompanhava Hayô e Tamikuã, ambos estudavam no 9º ano, Hayô conseguia acompanhar algumas atividades iguais as dos outros colegas, sabia ler um pouco, escrevia bem olhando o quadro, mas a dificuldade que tinha era entender o assunto que o professor passava na sala de aula, era bem comunicativo e interagia bem com os colegas, já Tamikuã sua atividade tinha que ser específica, pois estava no nível de 1º ano do fundamental I e precisa de uma atenção maior, pois quase não se comunicava, ficava mais quietinha e não gostava muito de participar das atividades coletivas, mas gostava de assistir todas. Mas no mesmo ano iniciou o lockdown onde as aulas foram suspensas por causa da pandemia do Covid-19 e no mês seguinte a prefeitura de Santa Cruz Cabrália demitiu todos os funcionários contratados, onde eu também fui demitida e quando as aulas retornaram em 2020 eu não acompanhei como ficou as aulas remotas com os alunos da inclusão, porque não tinha sido contratada novamente e seguindo as orientações contra o covid-19 não pude ir à escola para acompanhar de perto.

Em pouco tempo de experiência adquirir muitos conhecimentos pois não apenas ensinei as crianças com deficiência, mas tive um retorno mágico vindo deles, porque me ensinaram que antes de chegar em uma sala de aula e passar os conhecimentos ocidentais e tradicionais, primeiro tenho que criar um laço de afeto com eles, o primeiro contato tem que ser harmonioso, onde eu enquanto cuidadora ou professora possa passar segurança

para eles e que eles se sintam seguros para essa troca de conhecimentos, porque assim estarão mais à vontade para aprender.

Algo que tem sido incrível é que tanto na comunidade, como até mesmo os alunos da escola tem a preocupação de se importar com todos, mas principalmente com os alunos portadores de deficiência, dentro do ambiente escolar os alunos se preocupam com o colega portador de deficiência, se ele está conseguindo pegar o conteúdo ensinado, tem o momento de interação na hora do intervalo, para brincar, merendar, e se tiver aquele aluno portador de deficiência que os pais ou responsáveis não podem vir buscar, os colegas do mesmo tem a gentileza de acompanhá-lo até sua casa, e em meio caminho os próprios moradores tem esse cuidado de olhá-los no caminho de casa, tem a autonomia de corrigi-los quando estão fazendo algo impróprio, mas também tem o cuidado de ensinar o aluno fora da escola com os saberes tradicionais, seja uma canto, uma história, um artesanato e outros. (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

Acredito que os povos indígenas Pataxó têm uma grande qualidade que é o cuidar, tanto os mais velhos quanto as nossas crianças já têm essa preocupação com o próximo e quando diz respeito de alguém, seja criança ou adulto com deficiência esse cuidado dobra muito mais. E dentro do ambiente escolar não é diferente, na sala de aula os coleguinhas tenta envolver o coleguinha com deficiência nas brincadeiras, nos intervalos, em incentivar ele fazer a atividade, quando vai para casa espera a mãezinha dele vir buscar, faz companhia ou até acompanha chegar em casa. Porque esse cuidar é passado na criação Pataxó que vem acompanhado com o afeto.

A comunidade vem fortalecendo cada vez mais a efetiva participação na formação cultural e social dos alunos com necessidades educacionais especiais. Pois toda comunidade se sente responsável em estar orientando e em deixar a responsabilidade só pra mãe. Se está muito tarde da noite, as pessoas têm a preocupação de levar eles embora, de falar com eles para ir embora, de chamar a atenção de caso estiver fazendo algo errado, de os chamar para aprender, para participar. (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

Uma vez eu ouvi que o afeto é um grande professor e concordo com isso, pois com o afeto é melhor de se relacionar com o outro e a inclusão tem a necessidade de ter o afeto caminhando junto para o ensino ser de qualidade, pois tanto dentro do ambiente escolar ou comunitário a criança com deficiência tem um melhor aprendizado, uma boa relação com o próximo.

A escola indígena é uma escola diferenciada e específica, tem um currículo escolar próprio, onde tem o ensino ocidental e o ensino

tradicional, para oferecer um melhor ensino para o aluno portador de deficiência essas atividades ocidentais e culturais precisam ser adaptadas, pois tem alunos com diferentes casos de deficiências, tem a síndrome Dawn, o autismo (níveis diferentes), deficiência múltipla, cadeirantes e outros. (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

Quando falamos de inclusão, não é apenas ter um aluno deficiente dentro da escola, mas é incluir o aluno dentro de todas as atividades escolares, enquanto cuidadora, sempre gostei de incentivar os meus alunos a estar participando de todas as atividades e gincanas da escola, nos jogos estudantis indígena, alguns professores estavam com medo de deixar Xohã participar e ele já estava triste, aproveitei que a mãe dele estava pedi a autorização e então conversei com os professores responsáveis onde permitiram, mas eu estando perto para dar toda assistência e foi uma alegria para ele, pois correu na corrida de maraká, participou do cabo de guerra que exige força e ele mostrou bastante força ajudando a sua equipe a ganharem, jogou arco e flecha e o mais importante foi o sorriso de alegria no final, pois ele pode participar e mostrar que mesmo com deficiência ele é igual a qualquer pessoa, pode mostrar sua força e habilidades participando das modalidades tradicionais.

Na escola, os valores tradicionais recebem tratamento pedagógico, reforçando os valores de uma comunidade. "A escola não pode estar separada da comunidade e não poderá ter um passo maior que a comunidade", como destaca o Professor Kaingang no Referencial Curricular para as Escolas Indígenas. (Brasil,1998) (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

Desde criança aprendi que a escola é o coração da aldeia e que a escola é comunitária, então sempre acompanha a o ritmo da comunidade e isso é passado para nossos alunos, pois é importante que eles conheçam nossas lutas desde criança, porque eles são os presentes e o futuro de amanhã e esses ensinamentos são passados para todos inclusive aos alunos da inclusão, e também os saberes tradicional é passado nas escolas, porque eles começam a ter um contato com a mãe natureza, fortalecendo seu espírito de guerreiro(a).

Antigamente na cultura indígena era muito diferente, pois quando uma criança nascia com deficiência era sacrificada, com o passar dos tempos a criança foi vista como um ser de luz, então já não era sacrificada, mas tinha uma atenção especial, tratada com prioridades, então já não tinha uma liberdade como as outras crianças, então era difícil elas estudarem, brincarem, mas atualmente tem uma lei que dar o direito da criança portadora de deficiência ter uma vaga na escola e na comunidade indígena ela tem o direito de inclusão tanto na escola, como nas atividades culturais e em todo lugar na aldeia, tem a liberdade de ser

uma criança indígena e tratada da mesma forma que as outras crianças. (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

Em uma conversa com alguns mais velhos me disseram que aqui na aldeia não sacrificava as crianças que nasciam com deficiência, mas a família escondiam elas da comunidade, elas não podiam brincar, só ficavam dentro de casa, se resguardando e não tinha como fazer um tratamento por falta de recursos mesmo, mas atualmente a criança que nasce com deficiência já tem um suporte melhor, um tratamento ou acompanhamento médico, uma aceitação mais tranquila pela família, pois a criança com deficiência é um ser que vem para nos ensinar ser pessoas ainda melhores e hoje tem o direito de viver como qualquer outra criança, brincar, estudar, participar dos rituais e atividades culturais.

Para receber um aluno da inclusão na escola, precisa passar por algumas adaptações para melhor atender o aluno e dar um conforto para se sentir bem e querer fazer parte da escola, pois a escola indígena tem um acolhimento diferenciado com o aluno portador de deficiência, porque não basta só adaptar o ambiente escolar, mas precisa ter um afeto para conquistar o aluno e fazê-lo se sentir seguro no ambiente escolar, para então ter atividades adaptadas para auxiliar no aprendizado do aluno, ter a sala de recursos como parceria para o desenvolvimento do aluno na escola. (FRANCO, SILVA, REGINA, 2017)

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, ainda precisa adaptar o espaço da escola para receber esses os alunos da inclusão, temos uma sala de recursos provisória, funciona em uma salinha pequena, mas que precisa passar por adaptações e por falta do apoio financeiro, utilizamos essa pequena sala para ser um suporte para a inclusão, onde a professora Rosinete, com sua criatividade e sua carisma, consegue cativar os alunos que ali são atendidos, tornando o melhor lugar da escola para esses alunos.

Dentro da escola indígena a inclusão do aluno portador de deficiência precisa ser inserida em todas as atividades da escola, mas é importante que os professores ensinem e incentivem o aluno a ser um indígena ativo na sua comunidade e que valorize sua cultura. (FERREIRA, 2020).

Na escola indígena por ser específica e diferenciada, tem um ensino baseado na cultura do povo Pataxó, e um dos ensinamentos principal da escola, não é apenas o tradicional e o ocidental, mas é ensinar as crianças ser futuras lideranças e é necessário incluir os alunos com deficiência, pois eles precisam aprender as tradições do seu povo, ser participativo nas atividades culturais, ser incentivado a ser ativo na aldeia, valorizar seus costumes e tradições e ensinar a essência de ser indígena.



Por tanto posso afirmar que eu não apenas ensinei ou acompanhei essas crianças com deficiência, mas aprendi com elas a importância do cuidado, a necessidade do afeto na relação com eles e com qualquer outro aluno, e percebi que seria importante os cuidadores e professores ter uma formação para que essas crianças tenham um ensino de qualidade e que eles aprendam mesmo com as dificuldades de suas deficiências, porém se ter atividades específicas para suas necessidades ficam mais fácil para eles acompanharem os assuntos abordados dentro da sala de aula e ter um bom aprendizado.

### **3. 1. 1 Minha experiência em dar aulas, cuidar e acompanhar o estudante Xohã**

O Xohã é um homem, mas com espírito de adolescente, é bem meigo e muito participativo, muito popular na escola, muito esforçado e bem frequente durante o ano letivo. Por estudar no fundamental II, eram poucos os professores que levavam para a sala de aula a atividade específica para ele, e quando não levavam eu improvisava para ele não ficar sem fazer nada e também para ele não ficar chateado, as aulas que ele mais gostava era a de inglês e patxôhã que os professores tinham uma atenção especial para ele, é tanto que ele aprendia com mais facilidade os assuntos dessas matérias mais que o próprio português.

Eu como cuidadora nunca quis ficar no pé do aluno, sempre deixei eles a vontade para que fossem independentes e para que pudessem se enturmar com os colegas.

Em 2020, ele começou a estudar no 1º ano do ensino médio, como lá ficou sem uma profissional de apoio (cuidadora), como as escolas são pertos uma das outras, quando dava ia lá no colégio dele ver como ele estava indo nas aulas, olhava o caderno para ver se ele estava fazendo as atividades. Então começou a pandemia e as aulas foram suspensas, e não tive contato com ele mais, porque como ele era do grupo de risco ficou de quarentena em casa sem receber visitas, o final do ano letivo as aulas voltaram, mas eram remotas.

Em 2021, as aulas estavam sendo remotas, após a vacina as aulas começaram semipresenciais, já estava no 2ºano do ensino médio, e em uma conversa com o professor de matemática dele, sobre as questões de dificuldades de fazer atividades específicas, me pediu ajuda pelo fato de eu já ter sido sua cuidadora, fazendo algumas atividades específicas e relacionadas as disciplinas de matemática e física que era a matéria que o

professor aplicava na turma dele, mas além das atividades ele precisava de uma atenção especial, pois ele aprende melhor assim, então fui acompanhá-lo voluntariamente nas aulas de matemática e física, quando entrei na sala, já fiquei contemplada com a tamanha alegria dele ao me ver e saber que estaria acompanhando ele em sala de aula, notei que ele estava com bastante dificuldades na escrita, em lembrar números e palavras, já tinha esquecido algumas letras do seu nome inclusive. Comecei a passar atividades para alfabetizá-lo, trabalhando o nome completo, as vogais, o alfabeto, os números, formas geométricas, porém só conseguir acompanhar ele em três aulas, porque ele começou a faltar as aulas e passando alguns dias a mãe dele procurou a direção dizendo que ele ia parar de ir à escola, porque estava sem um profissional de apoio e estava complicado ele ficar sem um acompanhante, então parei de acompanhá-lo por esse motivo, até que já na reta final do ano letivo a direção do colégio tomou providência para ele retornar as aulas.

Em 2022 já no 3º ano consegui acompanhá-lo poucas vezes, mas ajudava o professor de matemática e física nas atividades especializadas para ele, porém mudou para a Aldeia Barra Velha.

### ***3.2 Experiências dos professores da escola indígena***

Quis trazer essas entrevistas no meu percurso, pois acredito que precisamos conhecer as realidades enfrentadas pelo professor indígena dentro da sala de aula com alunos com deficiência, muitos não têm uma formação na área, mas faz o possível e até o impossível para oferecer um ensino de qualidade para esse estudante.

A inclusão dos alunos com deficiência em todas as atividades é essencial para o aluno e o professor precisa criar estratégias para cativar a atenção e fazer com que o aluno se sinta seguro para interagir nas aulas, por isso vi a necessidade de ter essa entrevista com alguns professores para sabermos dos mesmos as facilidades, dificuldades, métodos usados por eles nas salas de aulas para ter um resultado positivo no ensino e na aprendizagem do aluno com deficiência.

#### **3.2.1 Apresentação dos professores entrevistados**

Lucicleia Santos Batista - Entrevista realizada em 02/03/2021

Lucicleia Santos Batista, tem 46 anos e faz parte do corpo docente da Escola Indígena desde 2008. Atua como professora desde 2005, formada em letras na UNEB e em pedagogia diferenciada, cursando o mestrado em ensino educação étnico-raciais, tem o nível intermediário em inglês, dar aula das seguintes disciplinas, língua portuguesa, artes, inglês e espanhol, na rede municipal e estadual.

Foto 3 - Lucicleia Santos Batista.



Fonte: acervo da autora, 2022

Érica Santos Ramos - Entrevista realizada 14/05/22 via WhatsApp.

Érica Santos Ramos, faz parte do corpo docente da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha há cinco anos. Atua como professora na disciplina de linguagens do 6º ao 9º ano nos turnos matutino e vespertino, sua formação é em Letras e Língua Portuguesa, segunda graduação em Pedagogia, tem especialização em Letras com Ênfase em Linguística e está fazendo uma Pós-graduação para Educação de Surdos da Universidade Federal de Uberlândia.

Foto 4 - Érica Santos Ramos



Fonte: acervo da autora, 2022

Jeivaldo Silva Santos, conhecido como China – Entrevista realizada no dia 14/05/2022 via WhatsApp

Jeivaldo Silva Santos de 44 anos tem formação no Magistério Indígena, Curso Técnico de Hotelaria, Pedagogia, é licenciado na Formação Intercultural para Educadores Indígenas na habilitação Ciências da vida e Natureza, é Pós-Graduado em Educação Física Escolar, atua na Escola indígena Pataxó Coroa vermelha, leciona matemática, educação física e ciências do 8º e 9º ano, e já lecionou biologia no ensino médio.

Foto 5 - Jeivaldo Silva Santos



Fonte: acervo da autora, 2022

Maria Jucélia da Conceição Marinho – Entrevista realizada dia 18/05/2022

Maria Jucélia da Conceição Marinho, trabalha na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha há quase vinte anos, licenciada em Pedagogia, fez Especialização em Psicopedagogia institucional e Clínica, fez também Especialização em Alfabetização e Letramento e Especialização em História e Geografia e está terminando uma especialização em Neuro psicopedagogia.

Foto 6 - Maria Jucélia da Conceição Marinho



Fonte: acervo da autora, 2022

Mayne Ferreira Matos - Entrevista realizada no dia 01/06/2022

Mayne Ferreira Matos, 25 anos, professora na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, graduada em Pedagogia e em formação em licenciatura Ciências da Vida e Natureza FIE- UFM, Pós-graduada em Educação Infantil, em Educação Inclusiva e psicopedagogia, trabalha há seis anos na educação, quatro como auxiliar de classe e dois como professora regente de sala.

Foto 7 - Mayne Ferreira Matos



Fonte: acervo da autora, 2022

Ariane Jesus dos Santos - Entrevista realizada no dia 01/06/2022

Ariane Jesus dos Santos, formada em Línguas, Arte e Literatura pela UFMG-FIEI, tem especialização em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento e está finalizando uma especialização em Educação e Interculturalidade, trabalha na Escola da Jaqueira desde 2012 e na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha desde 2017.

Foto 8 - Ariane Jesus dos Santos



Fonte: acervo da autora, 2022

### 3.2.2 Quando um professor percebe que uma criança é deficiente

A professora Mayne faz um relato da sua experiência em notar comportamentos estranhos do seu aluno em sala de aula, trazendo uma preocupação por nunca ter lidado com essa realidade.

Nesse ano de 2022 tive um grande desafio, pegar uma turma do Pré II de cinco anos, uma sala cheia e no começo do ano é...uma criança chamada Nayhê começou ter alguns comportamentos estranhos e eu a professora Mayne e mais a minha auxiliar Edileuza começamos observar ele[...]e a gente se deparou com algumas situações estranha e aí a gente acionou é... a coordenadora, a vice diretora e a partir daí comecei a ter um caderninho é... pra relatar qual dia, a hora que Nayhê teve um comportamento estranho[...]um certo dia ele começou, sozinho do nada dizer “me solta, me solta, cala a boca, cala a boca” e então daí eu comecei a anotar, no segundo dia começou a bater na mesa a jogar livro pra cima e pra mim como professora foi um choque né, é... fiquei triste, comecei a orar e pedir a Deus pra mim dar sabedoria e me orientar né no que eu poderia tá fazendo como professora. (Profa. Mayne, 2022)

Por estar vivenciando essa realidade a primeira vez, fica triste, porque mesmo com o auxílio da psicóloga que atende na sala do AEE da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, ainda tem dificuldades de orientação do que fazer para ajudar seu aluno.

[...] assim a psicóloga acha que ele pode ter um nível de autismo, mas até então não tem nenhum laudo né, ainda está em processo a questão[...]mas ainda estamos estudando sobre Nayhê, mas assim eu como professora é... fico muito triste, porque as vezes eu tenho que parar a aula pra dar atenção a ele e aí né, os outros colegas ficam também é... chocados com as atitudes dele, porque tem vez que ele fica muito agressivo, rasga livro, joga a lixeira pra cima, fica batendo na porta, dando murro, então assim é muito preocupante né, é... já tenho seis anos na educação e nunca me deparei com a realidade que eu estou vivendo agora. (Profa. Mayne)

A professora Ariane faz o relato da sua experiência, quando percebe que um aluno tem comportamentos diferentes e diz que antes por não ter formações que orientasse a professora na sala de aula trazia dúvidas de como agir, mas atualmente tem como ouvir experiências de outros colegas e as formações para ter um norte.

E aí em 2017 quando comecei dar aula aqui na escola de Coroa, foi quando a gente começou observar é... um aluno, Nuhâtê, eu tava com educação infantil na época e aí a gente percebia que Nuhâtê ele não gostava de ficar próximo dos colegas, não gostava de muito barulho, só queria ficar embaixo da mesa é... quando a gente tá brincando, tá cantando a gente chama o aluno, a criança, “fulano presta atenção aqui”,

“oh hora da história, essa história tá falando de que?” a gente sempre pergunta né, e no caso de Nuhâtê a gente perguntava e ele não tava nem aí, ele não olhava pra gente, é como se não tivesse demonstrando interesse e aí aquilo meio que chamou atenção em alguns momentos ele era muito nervosos, ele jogava as coisas pela janela, ele tirava a roupa dele, teve momentos dele se jogar assim no chão querendo se machucar e aí eu sentei no chão e coloquei ele entre as minhas pernas meio que tava abraçando pra poder ele não se machucar e ele acabou ainda me mordendo, e foram “enes” situações assim que deixava a gente é... com essa dúvida, e que assim, o momento em si, ele é novo também pra gente na sala, porque hoje a gente se ouve e também essas formações pra que nos der um norte né, pra identificar essas características nessas crianças, mas antes não, antes era muito assim, “meu Deus e agora? Esse menino não quer, esse menino não presta atenção, esse menino só quer ficar embaixo da mesa”, então assim a gente não tinha é... esse olhar diferente com essas características ou comportamentos que alguns acabam que tem né. (Profa. Ariane)

Depois de uma investigação com neurologista, psicóloga, pais e a professora, gerou a descoberta que o aluno é autista nível leve, a primeiro momento a professora não sabia como ia lidar, mas após observações percebeu o que o aluno gostava de fazer e foi adaptando atividades para ele na sala de aula e foi observando também o seu desenvolvimento de aprendizagem.

[...]pra tentar e investigar do que se tratava é... os comportamentos de Nuhâtê e aí depois do neuro e tudo, foi que descobriu que ele era autista né, um nível de autismo só que leve, graças a Deus leve né, [...] aí quando a gente teve entre aspas né, esse “laudo” de Nuhâtê é... eu mesma fiquei, “meu Deus e agora? Como eu vou trabalhar com um aluno que nem eu sei o que fazer e como fazer? ”, só que ao longo do tempo, o laudo também não foi assim tão rápido né, ao longo do tempo, a gente vai percebendo ele, que ele gostava muito de pintar, então a gente providenciou caderno de desenho, mais caderno de desenho pra Nuhâtê, com os coleguinhas dele a gente fazia tipo, uma atividade, duas atividades na sequência, uma atrás da outra né, ou as vezes uma atividade ficção impressa e uma atividade no quadro um pouco mais lúdica e com ele não funcionava não, com ele tinha que ser parcelado, no tempo dele, ele fazia as atividades, mas no tempo dele, tinha hora que enquanto os meninos tavam lá no quadro escrevendo a letrinha do nome, Nuhâtê tava cá na mesinha dele pintando, só que ao invés da gente colocar Nuhâtê pintar qualquer coisa, aí a gente ia lá e fazia a marcação da letra né, escrevia a letra dele e ele ia preencher dentro da letra no caso a letrinha do nome dele, e aí nesses primeiros momentos Nuhâtê ele borrava a página tudo, não tinha aquela limitação “eu vou pintar só aqui dentro nesse limite da letra”, ele borrava tudo, ele borrava tudo, tudo, tudo, que quando a página... que fechava porque ele não deixava secar não, ele fechava aquela página ficava como que perdida porque ela grudava, e aí a gente foi observando ao longo dos dias que ele foi melhorando, todos os alunos tinha uma fichinha, aqui é de praste ter uma fichinha com o nome e aí Nuhâtê também, quando ele via os coleguinhas dele indo lá na frente no quadro escrevendo ou a inicial do nome ou o próprio nome, aí ele ia também, ele já percebia né, “não



meus colegas estão indo no quadro eu também vou” e aí ele não falava, então ele esticava a mão pedindo o piloto e aí eu entregava, ele ia lá e fazia,[...] (Profa. Ariane)

### **3.2.3 Desafios e oportunidades do trabalho com pessoas com deficiência na escola indígena**

Para Lucicleia dar aula para uma pessoa com deficiência é um desafio e uma oportunidade:

É sempre desafiador essa questão de dar aula pro portador de deficiência, porque ele é uma oportunidade, pra mim né, pra nós, pra cada professor, de exercitar esse nosso lado humanitário, assim, Paulo Freire fala “que todo professor, todo ato de ensinar carrega uma dimensão terapêutica” e com certeza eu vejo isso, mas especificamente quando a gente lida com um estudante portador de deficiência, é um grande desafio. (Profa. Lucicleia)

Sobre os desafios ela pensa que eles estão muito relacionados ao tipo de deficiência, mas que o ponto fundamental para superação é olhar para o estudante sem preconceito:

Olha, depende muito da deficiência que ele carrega né, que ele porta, as limitações que essa deficiência causa, que, mas no geral, eu já tive contato, já pude trabalhar síndrome dawn, deficiências múltiplas, deficiência visual, assim, no geral a afetividade, a empatia é muito mais fácil de estabelecer ele né, assim, o aluno que ele tem a deficiência ele se identifica ele tá ali com a certa carência afetiva que se o professor vai por esse ver ele fica mais fácil né, sendo empático, então, eu particularmente não tenho dificuldade nenhuma de aceitar um ser, o meu aluno quanto ser humano com qualquer que seja a necessidade ou deficiência dele, então quando ele vem o importante é você não ter preconceito, isso já facilita muito. (Profa. Lucicleia)

As dificuldades encontradas pela professora no planejamento das atividades para o estudante, pois além de Xohã, ela tem outros alunos com deficiências diferentes:

É, eu acredito que o tempo de preparo Bruna, porque particularmente assim, tenho 32 aulas, agora que eu tô de licença pra mestrados, mas no último ano eu peguei 32 aulas de 40, então eu tinha oito aulas pra planejar, imagina que eu tinha quatro alunos né, com deficiência diferentes, totalmente diferentes, então o tempo de preparo dessas atividades pra mim é a maior dificuldade de tudo assim, bem complicado. Só queria acrescentar também, que a falta de conhecimento psicopedagógico também é uma coisa bem importante assim, que a gente fica garimpando, que material, que atividade eu vou aplicar, que material é mais indicado pra essa deficiência, a gente uma assistência, a gente tem

né, psicólogo, tem a salinha, mas a gente percebe que é uma dificuldade geral assim, então é algo que a gente precisa estudar e eu parabenozo você por estar nessa área, trazer aí, com certeza coisas novas e a gente precisa mesmo de melhorar a questão teórica e pedagógica a respeito disso pra diminuir nossas dificuldades. (Profa. Lucicleia)

Também a professora Érica fala um pouco como se sente em dar aula para um estudante com deficiência:

Bom, eu confesso que todo ano que me vejo como professor de aluno especial, eu me sinto ansiosa e temerosa, sim! Porque cada aluno dentro da minha sala ele é único e um ser especial, embora aja diferencia na forma que cada um aprende, as metodologias de ensino não mudam muito e os alunos com necessidades educacionais especiais, eles vão além disso, cada aluno da inclusão nos traz uma nova situação, um novo desafio e muitas vezes eu não me sinto preparada para contribuir com o desenvolvimento educacional desse aluno, a medida que a gente vai conhecendo, que , a gente também vai se adaptando a ele, que vai percebendo a forma que ele aprende aí vai melhorando né, mas no começo é... é sempre preocupante, eu me sinto preocupada com a situação. (Profa. Érica)

A professora relata que se sente despreparada, mas os alunos cativam seu coração e isso impulsiona ela pesquisar e se qualificar para dar o seu melhor para o aluno com deficiência:

É, a depender das especificidades do aluno, eles são mais abertos para o aprendizado escolar do que os, os alunos do ensino regular, é muito raro a gente encontrar um aluno da inclusão com problemas de indisciplina por exemplo, eles costumam ser respeitosos, atenciosos, carinhosos, eu mesma me apego fácil a eles, eu sempre os comparo a bebês, os choros dos bebês é... é irritante porque é um extinto de sobrevivência do bebê, os choros dos bebês incomodam, incomodam os adultos, isso faz... e os adultos... e isso faz que os adultos tenham pressa pra atender e suprir as necessidades deles né, então eles ficam calminhos e a gente fica em paz, os alunos especiais é... acontece algo parecido com isso, isso é a minha opinião né (risos), é... acontece que eles são cativantes, eles cativam meu coração e isso me impulsiona a pesquisar, a me preocupar, a procurar métodos de ensino que os ajude a avançar no processo de desenvolvimento deles, acho que a gente passa a ter, além do sentimento de professor, a gente tem um sentimento a mais, um carinho especial por eles que nos fazem... que nos fazem... que nos impulsionam mesmo, a ajuda-los, na verdade é a nossa obrigação né, mas o carinho que a gente sente pelos alunos especiais eles nos torna, nos dar mais força pra poder ir além, pra poder estudar mais, agora mesmo eu tô fazendo uma, uma pós graduação nessa área, porque eu me sinto despreparada e eu preciso ajudar os meus alunos, é uma obrigação minha como professora né! (Profa. Érica)

Conta que as dificuldades com as atividades para esse estudante são muitas, tornando muito desafiadoras:

Olha, as dificuldades são muitas, eu não sei como é a realidade desse alunos nas redes privadas de ensino, mas nas escolas públicas há pouquíssimos recursos pedagógicos disponíveis e quando a gente precisa do... de...de jogos, materiais mais concretos e mais lúdicos, a gente tem que correr pras criatividades e... matérias recicláveis e confeccionar materiais e...e isso é trabalhoso, exige muita dedicação, muito tempo do professor, isso é...é desafiador é um desafio pro professor, porque a gente sofre da escassez de tempo, nossas salas aqui na rede pública elas são muito lotadas com muita defasagem de aprendizagem, algumas eu posso até chama-las de turmas multisseriadas e temos... e turmas lotadas não raras vezes temos problemas com disciplina e tudo isso exige muito do professor, já houve situações de estar com atividade do meu aluno especial pronta, mas não consegui aplicar, de não conseguir sentar ao lado dele e realizar o meu trabalho com esse aluno, porque eu precisava acalmar meus outros 37 alunos do ensino regular, então situações como essa deixa o aluno da inclusão muito aflito, eu percebo no rostinho deles a preocupação, a inquietação e a mim como professora eu me sinto as vezes incapaz de superar assim tantos desafios né. (Profa. Érica)

Jeivaldo faz um breve comentário de como é dar aula para um aluno com deficiência:

Para mim dar aula para um aluno com deficiência é muito difícil pela situação que passamos na sala de aula, mas fazemos de tudo, eu faço o possível para incluir eles nas atividades da turma, isso é... demanda muito tempo da gente, pesquisar, buscar informações como atender direito esse aluno, como é, conseguir conquistá-lo entendeu? Porque os alunos especiais é... que a gente chama de especiais porque são esses alunos com necessidades especiais é, demanda um... um... uma preocupação de atendimento pra que você é... faça com que ele se sinta a... abraçado, se sinta a... é companheiro né, então é muito difícil, mas a gente consegui ainda fazer o possível pra atender esse menino, esse estudante pra que motive ele a querer estudar. (Prof. Jeivaldo)

Conta um pouco da sua maior dificuldade dentro da sala de aula com o aluno deficiente:

Sim as dificuldades é... é... é dar um acompanhamento melhor, porque como as turmas que a gente dar aula são muito lotadas, são aluno...de 35 alunos, a média de 35 alunos fica muito difícil a gente ter um atendimento específico, dizer assim, guardar um tempo bom pra atender esse aluno, porque sei lá não precisa ser atendido diretamente com o professor mesmo que ele tenha o cuidador que fica e o acompanha, mas o professor precisa dar atenção pra esse aluno pra que ele se sinta parte da...da... da turma , então basicamente como são tantos alunos e...os alunos precisam também de um atendimento também, fica difícil a

gente guardar um tempo né, assim, específico pra esse aluno, então a maior dificuldade que eu sinto é essa, é... num ter essa...essa oportunidade de atender ele melhor, mas atendo sim, faço o atendimento dele, converso com ele, mais queria que fosse com um tempo melhor, então a maior dificuldade que eu tenho é essa. (Prof. Jeivaldo)

A professora diz o quanto é difícil também para o aluno a se adaptar na escola, mas que a instituição/escola faz de tudo para incluir o aluno e não o excluir das atividades escolares.

[...]mas também já passaram por mim muitas crianças com outros tipos né, de necessidades, autistas alguns bem severos bem difícil né, a questão da...da rotina né, de se acostumar com a rotina, muitas vezes eles sofrem muito né, com a questão ali da rotina né, muito diferente da que ele tem em casa, então é difícil pra ele, é difícil pra turma onde ele está, porque a questão do autista mesmo, principalmente quando o caso é bem severo, grita muito, eles gritam muito, chora muito, e o que eu tinha, ele muitas vezes ele se agredia e aí a gente ficava preocupada né, de agredir o colega, eu já tive autista que me agrediu e é muito difícil, não é brincadeira não, mas a gente sempre procurava né, enquanto escola, enquanto instituição tornar pra esses alunos a questão da... da introdução né, na unidade escolar ser uma coisa que não causasse sofrimento, mas pra eles é muito doloroso largar o pai, largar a mãe, largar a rotina da... da casa dele, do que ele faz todos os dias na casa dele né, pra vir pro meio de uma multidão que eles olham né, aquela escola, olham aquela sala pra eles é uma multidão, pessoas que nunca viram, pessoas diferentes, então pra eles é muito sofrido e acaba que a turma ali também né, dependendo dessa necessidade especial dele se for bem severa pra eles também é muito sofrido, a questão deles se adaptarem aquela nova rotina também é difícil e pra criança especial adaptação também ela é bem difícil né, bem sofrida, principalmente o autista em questão de barulho né, questão de muita gente, quebra de rotina, mas é assim né, a escola tem feito o possível e o impossível pra tentar abraçar todas essas crianças e tentar não excluir ninguém, apesar das dificuldades, dificuldade sociais, dificuldades físicas da escola, dificuldades de um profissional especializado né, pra poder, principalmente a questão né, do... do surdo né, nós temos David que é uma pessoa maravilhosa que trabalha exclusivamente né, com a questão do surdo no município, mas é pouco né, é... então realmente é bem difícil né.(Profª. Jucélia)

A professora Jucélia diz que para trabalhar com a educação especial precisa ter amor e caminhar junto com a escola para oferecer um bom ensino para o aluno deficiente.

[...]eu falo que pra você trabalhar com criança especial, você tem que acima de tudo AMAR, ter amor pelo que você faz e muita paciência, porque não é fácil, mas a gente tem essa missão né, e é pedir força à Deus, estudar, buscar muito, entendeu, buscar pra descobrir novas formas de trabalhar com a criança, mas é tudo um conjunto, professor ele jamais faz nada sozinho, escola não faz nada sozinho é um conjunto né, de escola, de família é... professor, coordenação, direção né, os

profissionais especializados, psicólogo, psicopedagogo, então é um trabalho de rede né, um conjunto.

### **3. 2.4 Estratégias didático-pedagógicas**

Dentro da sala de aula a professora precisa ter estratégias para cativar a atenção e o interesse do estudante:

Agora com relação a forma de cativar, eu acredito que o principal é você dar atenção, você ser empático com ele, exercitar essa empatia, você dar atenção de forma tão suficiente que ele se sinta inserido no grupo e eu já dei aula na aldeia e fora da aldeia, na escola indígena e na escola não indígena, eu percebo que na escola indígena é melhor da gente promover essa interação, porque as pessoas, os alunos, é, eles são um coletivo, então é bem mais, você pega um aluno, ele tem síndrome dawn, ele tem deficiência múltipla, ele tem um retardo as vezes né, na linguagem, na fala e você ali dentro da sala de aula da escola indígena tal e qual como ela é, é muito mais fácil você fazer com que aquele ser, ele seja inserido porque no geral os alunos aceitam mais, tá, eu vejo uma pequena diferença nisso quando a escola é não indígena, então quando você aceita o aluno, você traz ele pra participação na sala de aula né, permite que ele manipule materiais de aprendizado isso tem facilitado muito também né e fazer com que todos os outros entendam que ele tem algo pra poder contribuir apesar de ter uma limitação, ele tem algo a contribuir, isso que a gente conseguiu fazer bem melhor na escola indígena. (Profa. Lucicleia)

É necessário ter um método para usar com o estudante dentro da sala de aula, a professora planeja seu método segundo a teoria de Wallon:

É, eu uso o método Psicogenético, eu tô falando de teoria né, de teoria assim de Wallon, quando eu fiz minha especialização eu já sabia que eu ia trabalhar com uma educação diferenciada, não necessariamente indígena, hoje eu me vejo até inclusive né, eu sou indigenista e me sinto indígena busco meu reconhecimento como indígena, preciso de mais tempo pra isso, mas o método de Wallon dos que eu estudei na época, estudei PIAG, Vygotsk que a gente procurou isso, foi uma especialização, assim, bem pautada pra área de educação diferenciada que fiz na FTC e eu lancei mão de Wallon e não soltei mais, apesar de hoje eu conhecer outras assim, mas filosóficos, porque Wallon fala que, como que é Vygotsk que falou “é muito importante a cognição, o conhecimento, o desenvolvimento, mas é muito mais importante a afetividade e motricidade”, isso tem a ver com minha prática na sala de aula, então você tem que desenvolver uma afetividade com aquele aluno e a partir daí, incluir, inserir ele, é, ali naquele corpo da escola e também fazer com que ele manipule materiais, interaja com o corpo, ele enquanto ser né, então eu uso muito e gosto, aprendi esse método aí psicogenético de Wallon, teoria de Wallon me ajuda muito né e aí eu planejo, selecionando, pensando em atividade que promova essa interação sócio afetiva e trabalha a motricidade desse aluno, exatamente como Wallon me ensinou lá e eu tenho aplicado e tem dado certo. (Profa. Lucicleia)

A professora Érica diz que a afetividade é sua estratégia para cativar a atenção do aluno:

Da mesma forma que os alunos especiais me cativa, eu uso a mesma estratégia contra eles também ou melhor, a favor deles né (risos) eu é... a... estratégias de... de cativar, de conquistar o coração ela é muito boa, eficiente, então eu gosto de trabalhar também a afetividade, aí depois de ganhar a confiança deles, aí o processo de aprendizagem fica bem mais fácil, aí depois disso é caprichar nas atividades adaptadas de forma que chamem atenção do aluno, essas atividades elas precisam ser atrativas e condizentes com estágio cognitivo deles e... e ao mesmo tempo desafiadora pra que esteja... pra que os alunos estejam sempre, sempre superando o desenvolvimento real e se movimentando em direção ao desenvolvimento proximal e potencial, como disse nosso mestre Vygotsky “O que nossos alunos são capazes de fazer hoje com ajuda de alguém (ou seja com a minha ajuda), ele será capaz de fazer amanhã sozinho”. (Profa. Érica)

Cita que não é um especialista, mas que tem um pouco de experiência em dar aula para o aluno com deficiência:

Sim, eu já dei aula pra vários alunos com vários tipos de deficiência, então é... não tenho muita experiência assim pra dizer que sou especialista, mas conforme esses alunos que eu já fui dando aula, eu... eu vou me adaptando conforme a necessidade dele, então não tenho muita experiência, mas já passei por algumas turmas que tinha alunos com deficiência, então a... tenho um pouco de experiência, mede aí, boa, já pra conhecimento desses alunos pra atividades que possa ser desenvolvida dessa forma, então tenho um pouco de experiência sim! (Prof. Jelevaldo)

A metodologia que usa nas atividades para o aluno, busca trabalhar coisas que o aluno faz no seu cotidiano, mas sempre ligando no assunto que está explicando na sala de aula:

Então como eu já tinha comentado nas perguntas anteriores, eu gosto sempre de usar metodologia de atividades que ele já pratica durante o dia-a-dia, sempre perguntar coisas sobre a questão de horas, essas coisas assim que envolve o dia-a-dia dele, pra saber que hora ele acorda, essas coisas que levam a atividade diárias, então esses alunos, fica mais fácil essas metodologia de...de atividade cotidiana, fica mais fácil de trabalhar com esses alunos, porque a gente tem que ser mais específico direto com eles, já é uma coisa que ele já conhece e já faz durante o dia, fica mais fácil a gente aplicar as atividades, então a metodologia que eu uso é isso e eu planejo mais em casa, pesquiso bastante sobre atividades envolvendo essa atividade diária e também acompanho um pouco das atividades da sala de aula, tipo sempre eu tô... explicando determinado assunto, tento levar atividade que direcione esse assunto que eu tô explicando mesmo que seja com grau menor, mas que leve a ...a visualizar o mesmo conteúdo, isso fazendo com que ele se entenda incorporado na sala de aula. (Prof. Jelevaldo)

Diz que procura fazer atividades para seu aluno que tem envolvimento no seu dia-a-dia.

Como eu tava falando, não é fácil porque a gente tem que fazer pesquisa, pesquisar bastante em casa, procurar informações como atender esses alunos, esse estudante da melhor forma possível. Então como a gente é... não tem uma formação adequada diretamente adequada pra atender esse aluno, a gente tem que pesquisar, tem que estudar é... e sim procurar atividades e... assim, atividades que, atenda a necessidade do dia-a-dia pra ele , que basicamente nós procuramos é... passar atividade que faça que ele se sinta capaz de ... de cumprir determinadas coisas , a como ir no mercado, ir na padaria, né, coisas simples do dia-a-dia , então a gente procura sempre desenvolver atividades que tem envolvimento no seu dia-a-dia. (Prof. Jeivaldo)

Sua estratégia principal é ter um bom relacionamento com o aluno é ter um momento para conversar e assim conquistar e cativar a atenção do aluno:

A minha forma de cativar o aluno é conversar bastante com ele, sempre sento de frente pra o aluno e começo conversar com ele, pergunto de coisas sobre ele é, questão do que ele gosta de fazer, o que eu mais gosto de fazer é sentar com ele pra conversar com ele é...a... alunos é... com necessidades especiais a gente precisa ter uma atenção maior, precisa ser mais a... atencioso com ele, dar atenção pra ele se não a gente não consegui cativar e a gente fazendo isso, cada dia que cê faz isso é... a gente acaba cativando o carinho desse... desse aluno e fica mais fácil da gente lidar com esse aluno. (Prof. Jeivaldo)

A professora Jucélia relata que já teve muitos alunos com deficiência, mas que a aluna Karina a marcou muito, teve suas dificuldades, por não saber libras, mas que teve apoio dos outros alunos.

Então Bruna, eu já trabalho na escola vou fazer quase vinte anos né, mais ou menos uns dezoito há dezenove anos já e já tive a oportunidade de trabalhar com várias crianças com algum tipo né, de necessidade especial e uma que me marcou muito foi Karina, porque Karina quando ela veio pra mim, ela já tava com a idadezinha defasada, nunca tinha ido em sala de aula e nunca tinha né, estudado e a questão da surdez dela é a questão de não ter habilidade com libras né, então pra mim foi muito difícil a questão de... de inclui-la nas atividades e arrumar uma forma, um método pra não exclui-la né, e eu lembro que os meninos da sala depois de muita conversa, muita conversa, muita conversa, os meninos da sala faziam fila pra poder auxiliar ela né, em tudo que ela precisava, então os meninos pegaram muito amor por ela, a questão da empatia dos meninos, nossa foi maravilhoso. (Profª. Jucélia)

A estratégia usada pela professora Jucélia para avaliar é usar metodologias que faz parte do dia-a-dia do aluno.

Enquanto a questão da avaliação pra mim Bruninha, então como eu já tinha comentado nas perguntas anteriores, eu gosto sempre de usar metodologia de atividades que ele já pratica durante o dia-a-dia, sempre perguntar coisas sobre a questão de horas essas coisas assim que

envolve o dia-a-dia dele, pra saber que hora ele acorda, essas coisas que levam a atividade diárias, então esses alunos, fica mais fácil essas metodologia de...de atividade cotidiana, fica mais fácil de trabalhar com esses alunos, porque a gente tem que ser mais específico direto com eles, já é uma coisa que ele já conhece e já faz durante o dia, fica mais fácil a gente aplicar as atividades, então a metodologia que eu uso é isso e eu planejo mais em casa , pesquiso bastante sobre atividades envolvendo essa atividade diária e também acompanho um pouco das atividades da sala de aula, tipo sempre eu tô explicando determinado assunto, tento levar atividade que direcione esse assunto que eu tô explicando mesmo que seja com grau menor, mas que leve a visualizar o mesmo conteúdo, isso fazendo com que ele se entenda incorporado na sala de aula. [...]a maior parte do tempo eu sempre trabalhei com alfabetização, com o 1º ano, então o 1ºano ele é conceito, não é nota entendeu, é por conceito, por exemplo é... eu tenho ali um questionário pra poder é... marcar sobre o que o aluno conseguiu alcançar e o que ele não conseguiu entendeu. Então no meu caso é questão de conceito, não é nota, então o que a gente procura na sala de aula com a criança especial na verdade é tornar ele o mais independente possível, principalmente é, quando ele tem necessidade especial assim quanto a higienização, quanto a necessidade da alimentação, alguma necessidade especial né, de ir ao banheiro né, de usar o vaso, coisas assim então ah... o que a gente mais presa, primeiro adaptação que ele precisa se adaptar e o período da adaptação ele é muito sofrido pra criança é muito difícil e o próximo passo é que a criança se torne independente o...o quanto seja possível essa independência entendeu, que realmente, temos crianças tetraplégicas, então aí não depende dela né, ela é realmente dependente dos cuidados de outras pessoas, mas quanto as outras crianças especiais que tem essa possibilidade de aprender a cuidar de si próprio, de cuidar de seu próprio corpo né, então a gente presa muito isso, aí depois disso que a gente vê né, a questão da... da alfabetização o quanto ela é possível de acordo ao que o aluno ele pode oferecer que a gente também não pode ir além do limite daquilo que aquela criança pode é... nos dar de retorno né, é possível pra ela aprender, a gente também não pode exigir dela o que ela não pode nos dar. (Profa. Jucélia)

### **3. 2. 5 O papel da cultura Pataxó**

A cultura tem uma grande contribuição na educação do estudante, tanto nos saberes ocidentais e culturais:

Eu percebo que sim né, e sim no sentido principalmente na questão que eu falo da teoria de Wallon e na motricidade é muito presente na cultura indígena Pataxó é muito presente a corporeidade a participação do aluno com o corpo, seja nos jogos indígenas, seja nas brincadeiras e isso com certeza ela facilita, contribui né, além da interatividade do coletivo ser mais forte a questão da corporeidade de também facilita bastante né, eu creio que ela espelha fielmente a teoria de Wallon, porque nós enquanto indígena somos culturalmente interativo em nossa escola, nossa comunidade, nós somos assim, emocionalmente mais envolvido com aquilo que é feito na sala de aula tradicionalmente que é, são os jogos, o



awê, as brincadeiras, as participações, as interações, as manifestações, tudo o que, toda aquela tradição da aldeia é algo que facilita muito. (Profa. Lucicleia)

Lucicleia, faz um breve comentário de sua experiência com estudantes portadores de deficiência:

Olha, eu já tive alunos com síndrome dawn como eu já falei né, com deficiência visual, esclerose múltipla também assim e já tive alunos, muitos outros com a deficiência não identificada, então chegava lá, “ah ele tem um probleminha”, mas eu nunca soube exatamente qual era o probleminha daquele aluno, porque a escola né, não tinha uma assistência, não tinha uma sala, não contava mesmo ou a mãe não trazia esse diagnostico, então, mas o que mais eu tive contato assim foi com a deficiência visual e a síndrome dawn e em todos os casos né, assim, aplicando essa teoria, sendo empático, com afetividade e se sentindo integrado se identificando mesmo com o aluno e com todo em si a gente conseguiu uma boa participação do aluno que é quando você integra o aluno eu acredito também na, nas teorias, nas zonas né que aí é que Wallon fala da teoria zona de desenvolvimento proximal, então o que ele tá aprendendo ali agora pode depois é completar aquele conhecimento, então ele apenas tá conseguindo interagir naquela interação conhecimento pode se dar um pouco tempo depois, aí eu tô com ele no 6° ano, 7° ano, eu vi muito isso né, você citou de Xohã então eu vi muito isso em Xohã, então assim, no 6° ano ele ouvia, ouvia e participava Lucicleia, quando chegou no 8° ano ele virou pra cuidadora dele que era Neía, não minto no 7° ano ele chamou Gidenoí, Gidenoí chamou ele e foi pra árvore brincar, oh Xohã tava muito agitado, bora brincar Xohã, aí ele foi brincar, ela foi brincar com ele, só que era na aula de inglês, aí ele se revoltou pra ela falou assim “Gidenoí one, two, three”, então começou a repetir a aula pra ela lá, aí ela trouxe ele pra sala “tem jeito não Lucicleia ele quer aprender inglês mesmo”, então isso é uma vitória né, é muito bom, são experiências muitos boas assim, agradeço pela entrevista! (Profa. Lucicleia)

Para a professora Érica, a cultura Pataxó contribui positivamente no ensino e aprendizagem, pois segundo a professora Érica o aluno se sente familiarizado na escola indígena:

Com certeza, sem soma de dúvidas ajuda. Porque quando aluno Pataxó ele vai pra uma escola cuja a cultura é a ocidental ele tem um desafio a mais, que é a adaptação a uma cultura que não é a dele, a escola que fica distante da realidade desse aluno da sua cosmologia, da forma que ele entendi, percebe o mundo a sua volta e isso impacta sim no processo de aprendizagem e o oposto acontece na escola indígena, onde a escola, ela passa a ser extensão da casa do aluno, onde se vive, pensa como ele, muitas vezes o professor já conhece a história, a família desse aluno, os colegas que são vizinhos porque moram na mesma aldeia, são amigos, são primos, tios e tudo isso faz com que o aluno se sintam bem mais á

vontade e tudo isso contribui positivamente pro processo de ensino e aprendizagem. (Profa. Érica)

Por estar no início de carreira como professora, Érica diz que se sente com pouca experiência com estudantes com deficiência:

Eu sou professora há cinco anos, se fosse pra uma outra área é... possa ser que cinco anos seja uma experiência é... boa né, um tempo bom de experiência mais significativa, mas quando se trata de ação pedagógica, de ser professor cinco anos ainda é início de carreira, então eu me considero com pouca experiência, mas todo ano eu me deparo com dois ou três alunos especiais nas minhas turmas esse ano por exemplo eu tenho quatro alunos da inclusão distribuídos entre 6º à 9º ano. (Profa. Érica)

As atividades culturais do Povo Pataxó têm sua contribuição para o ensino e aprendizagem do aluno segundo o professor:

Sim, contribui e muito até mesmo porque como já tinha comentado as atividades diárias do aluno é de suma importância para que a gente desenvolva um trabalho mais direcionado pra comunidade, como a...as atividades culturais é... pra participação ele tem que ter uma participação ativa, fica muito mais fácil a gente fazer essas atividades culturais e...e colocá-lo junto pra participação, isso quer dizer que quando ele participa, ele tá participando em grupo, isso quer dizer que ele faz parte daquelas atividades e fica muito mais fáceis, porque é uma atividade que ele convivi na comunidade, então essas atividades culturais do Povo Pataxó, fica muito fácil, não só do povo Pataxó a... as atividades cotidianas, então como a escola trabalha essas atividades fica muito mais fácil na educação, trabalhar com esse aluno, esse estudante, a...nas atividades culturais, então eu acho muito importante, sim. (Prof. Jeivaldo)

Na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha tem o costume de iniciar as aulas durante a semana com o Awê Heruê (Ritual sagrado) para fortalecimento dos professores e alunos, mas a professora Ariane destaca que antes o aluno com autismo não gostava de participar desse ritual e depois de algum tempo o mesmo aluno esperava ansioso para participar.

[...]e aí eu lembro que os momentos de ritual mesmo ele não queria de jeito nenhum, a gente tem ali fora, até hoje né, aquele momento do ritual lá de manhã, ele não ia de jeito nenhum, e aí isso me chamou muito a atenção [...]ele já tava participando do ritual, já não era a gente que chamava Nuhâtê pro ritual não, já era ele que pegava o maraká que ficava dentro da lata né, aquelas latinhas que a gente põe lápis, aí tinha uma que era só os marakás pequenininho e aí ele já pegava o maraká e ele que queria ir pro ritual, aí tipo assim, tinha dia que não tinha o ritual lá fora, aí eu tinha que fazer o ritual na sala, porque colocou na rotina dele a sequência certinha do que a gente fazia e quando chegava e que

recebia os meninos tudo, aí ele já ia pegava o maraká e ficava em pé na porta, aquele pegava o maraká e ficava na porta já era dizendo “cadê? Vamo pro ritual” (risos) e aí quando não tinha o ritual lá fora a gente tinha que fazer o ritual dentro da sala, porque tinha que dançar e tinha que cantar. (Profa. Arianne)

Os relatos dos professores entrevistados, eu como pesquisadora, e estudante e futura professora me inspiram com tantas formas diferentes de lecionar aos alunos com deficiência, pois apesar das dificuldades desses professores, eles não se desanimam e buscar formas de adaptar o seu ensino para incluir os alunos com deficiência dentro da sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busquei mostrar a realidade enfrentada por professores da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, pois ser professor já não é uma tarefa fácil, e ser um professor indígena não é apenas entrar em uma sala de aula e aplicar conteúdos, mas ele além de ser professor, é um amigo, um psicólogo, um terapeuta e muitas vezes tem até o papel de pais, e tendo que ainda que se adaptar a educação inclusiva dentro de seus planejamentos. Porque a inclusão do estudante com deficiência, é mais que ter eles na escola, é ter uma adaptação no ambiente escolar, atividades adaptadas para um melhor aprendizado do estudante. Mas os professores precisam recorrer estratégias para conseguir um bom resultado com os alunos da inclusão e uma das principais estratégias usada por todos é o afeto, pois tendo afeto com o aluno deficiente já é um grande passo para obter a atenção e a dedicação do estudante dentro da sala de aula.

Não ter uma formação para trabalhar com os alunos da inclusão é um grande desafio para o professor, durante minha pesquisa ouvi uma professora dizer “que é injusto ter que dar aula para uma sala com trinta a quarenta alunos e ainda ter um ou mais alunos com deficiência e sem ter um cuidador para dar um apoio dentro da sala”, então é uma dificuldade que precisa ser resolvida nas escolas indígenas, porque não é apenas uma injustiça com o professor, mas uma injustiça ainda maior com o aluno deficiente, pois não é apenas ser incluído na escola, mas precisa de uma atenção na sala de aula, atividades específicas para que seja possível o aluno ter um bom rendimento e aprendizado.

Essa pesquisa tem uma finalidade de contribuir para a minha comunidade e outras, a terem um olhar mais voltado para a educação inclusiva, pois é importante que os alunos com deficiência possam se sentir bem dentro da escola, porque assim contribuirá para ele ter um bom relacionamento com os colegas, com o corpo docente da escola e se sentir seguro para aprender, para se desenvolver tanto dentro da escola, como também na comunidade. Ser ativo para o ensino ocidental, mas principalmente para os ensinamentos cultural, porque a inclusão desse estudante é necessária dentro da escola, como em toda as atividades culturais comunidade.

Seria importante implantar formações para os professores indígenas na semana pedagógica e também durante o ano letivo, sendo uma forma de facilitar para os professores na hora de planejar as atividades específicas para os estudantes da inclusão,

pois estaria capacitando o professor e oferecendo um ensino de qualidade para os alunos da inclusão, que merecem uma melhor relação com o professor e também um melhor aprendizado.

### **Referências bibliográficas**

FRANCO, Celma Correa; SILVA, Antônio Lopes da; REGINA, Elizabete. **A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nas escolas Xakriabá: Xukurank e Uikitu Kuhinã.** 2017. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

FERREIRA, Ana Carina Alves. **Praça da resistência: símbolo e espaço de aprendizado da luta Pataxó.** 2020. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho.

## APÊNDICE 1

### **Roteiro de entrevista – Professores**

- Nome do(a) professor(a):
- Idade:
- Tempo de escola:
- Um breve relato sobre a história da pessoa:
- Data:
- Como é para você dar aula para um estudante portadores de deficiência?
- Quais as facilidades para dar aula para esse estudante?
- Quais as dificuldades para o professor nas atividades com esse estudante?
- Qual sua forma para cativar a atenção do aluno?
- Qual o método que você usa com estes alunos? Como você planeja esse método?
- A cultura pataxó contribui para a educação deste estudante? (Atividades ocidentais e do ensino tradicional)
- Qual a sua experiência com estudantes portadores de deficiência?